# passarinho

# passarinho

Crystal Chan

TRADUÇÃO DE THAÍS PAIVA

intrínseca

Copyright © 2014 Crystal Chan
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL
Bird

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Danielle Freddo
Marcela Lima
Suelen Lopes

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C43p

Chan, Crystal
Passarinho / Crystal Chan ; tradução Thaís Paiva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
224 p. ; 23 cm.

Tradução de: Bird
ISBN 978-85-8057-535-4

1. Ficção americana. I. Paiva, Thaís. II. Título.

14-11363

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2014]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Às árvores, à água, à terra e ao céu, que dão tanto de si para que eu possa compartilhar minha história. — C. C.*

# Capítulo um

Meu avô parou de falar no dia em que matou meu irmão, John. Seu nome foi John até vovô dizer que ele se parecia mais com um Passarinho pelo jeito como vivia subindo e saltando das coisas. O apelido pegou. O cabelo grosso e preto de Passarinho era todo arrepiado, exatamente como as penas da cabeça de um melro, dizia vovô, que apostava que um dia meu irmão também voaria. Vovô sempre falava isso, e ninguém tinha prestado muita atenção até o dia em que Passarinho saltou de um penhasco, o penhasco no fim de uma pradaria de capim alto, o penhasco com uma queda de uns bons cem metros até o leito seco do rio, bem lá embaixo. Sua toalhinha de banho azul foi encontrada perto de seu corpo, presa em um arbusto, a toalha que lhe servia de asas. Desde então, vovô nunca mais falou. Nem uma palavra sequer.

No dia em que Passarinho tentou voar, os adultos tinham saído para procurá-lo — todos, menos mamãe e vovó. Isso porque, naquele mesmo dia, eu nasci. E ninguém jamais me chamou por nenhum outro nome senão Joia, embora às vezes eu quisesse ser chamada de outra coisa. Meus pais sempre disseram que meu nome é Joia porque sou preciosa, mas às vezes acho que é porque começa com *J*, assim como John, e porque eles sentem saudade dele

e não queriam me dar um nome comum, como Jenny ou Jackie. John tinha um nome comum, e agora está morto.

Eu completava doze anos, e todo mundo deveria estar feliz. Só que era difícil ficar feliz com vovô trancado no quarto o dia inteiro, como faz todos os anos no meu aniversário. Papai e mamãe prepararam um bolo com cobertura de baunilha e granulado colorido para mim, me deram presentes (meias da loja de um dólar, mas muito fofas), e nós três fomos ao cemitério visitar Passarinho e minha avó. Sempre vejo filmes em que as crianças ganham grandes festas de aniversário, com música, chapeuzinhos, presentes enormes e até mesmo pôneis, e imagino que seria legal ter um aniversário assim. Especialmente com pôneis. Pelo menos uma vez. No entanto, sempre tenho que dividir meu dia especial com o silêncio atrás da porta fechada do vovô, com o silêncio no cemitério e com o silêncio que pesa entre as palavras dos meus pais.

Mamãe e papai lavaram a louça usada para preparar meu bolo e foram para a cama, mas eu não consegui dormir, como não conseguia todo ano no meu aniversário. Ficava imaginando como Passarinho era, que tipo de irmão ele teria sido e o que se passa na cabeça de meninos de cinco anos quando se atiram de penhascos.

Então, fiz o que costumo fazer quando não consigo dormir: vesti minha calça jeans e uma blusa de manga comprida, passei repelente e saí de casa escondida, sob o céu noturno salpicado de estrelas. Há um carvalho enorme no terreno do sr. McLaren, um pouco mais à frente na estrada, no qual eu sempre subo, o mais alto que consigo, e me reclino no tronco morno e robusto. Fico ali, observando o arco que a lua descreve ao percorrer o céu e ouvindo o guizalhar dos grilos, ou o farfalhar das folhas do carvalho, ou o canto abafado de uma coruja.

Por um momento, pensei em ir até o penhasco de onde meu irmão voara, mas sabia que não era uma boa ideia ir lá à noite.

Veja bem, na minha pequena cidade de Caledonia, em Iowa, temos um único mercado com uma única caixa, chamada Susie; três igrejas; o prefeito, que trabalha meio expediente no prédio onde também funcionam os correios; dois restaurantes que servem os mesmos pratos do dia, só que em dias alternados, e outros catorze comércios locais. As coisas aqui são tão estáveis quanto a própria terra, e parece que é disso mesmo que as pessoas gostam. Ninguém nunca me disse que eu deveria manter em segredo minhas idas

ao penhasco, mas os adultos têm dessas coisas: as regras mais importantes são as que nunca são ditas, e são as que vão deixá-los com mais raiva se você desrespeitá-las.

Em todo o caso, eu não contaria sobre minhas visitas ao penhasco, porque os adultos não ouvem o que as crianças têm a dizer. Não de verdade. Se ouvissem, olhariam nos meus olhos quando eu falo, olhariam de verdade, sincera e profundamente, dispostos a escutar o que quer que saísse da minha boca, prontos para qualquer coisa. Não conheço nenhum adulto que já tenha olhado para mim desse jeito, nem mesmo meus pais. Por isso, as coisas boas, tudo de bom que já vi e presenciei, incluindo as idas ao penhasco, eu guardo para mim mesma. Minha família não faz parte disso.

Enfim. Naquela noite, estava caminhando pela County Line Road, sentindo o calor que ainda irradiava do chão, meus tênis raspando o cascalho, quando tive a sensação repentina de que havia algo errado. Diferente. Um calafrio percorreu minha pele. Parei e olhei para o meu carvalho. Era lua crescente, que aos poucos aumentaria até sua forma plena e láctea, e a árvore estava brilhante e sombria ao mesmo tempo, braços abertos como os de um padre, estendidos para o céu. Estreitei os olhos na claridade prateada, e senti um embrulho no meu estômago quando entendi o que era.

Já havia alguém na minha árvore.

— E aí? — disse uma voz; uma voz de menino.

Meu corpo inteiro se enrijeceu. Nunca havia ninguém na rua àquela hora da noite, nem adulto nem criança. Talvez fosse um *duppy*, um daqueles espíritos jamaicanos que sempre preocuparam papai. Ele diz que os poderes dos *duppies* aumentam à noite e que é comum morarem em árvores. É possível saber que há um deles habitando uma árvore quando as folhas balançam enlouquecidamente mesmo que não haja nenhum sinal de vento, ou se um galho se quebra sem motivo. Se algo assim acontece, pode ter certeza de que bem ali, naquela árvore, tem um *duppy*. Eles também podem ser traiçoeiros e simplesmente surgir do nada. Podem aparecer de repente na sua árvore, mesmo que antes ela nunca tenha hospedado nenhum *duppy*.

No entanto, acho que nenhum teria uma voz como a daquele menino, que pairava demorada e solitária naquela noite, em que todas as folhas de todos os galhos estavam paradas, imóveis sob o luar. Em um dia qualquer, talvez eu sim-

plesmente tivesse tomado a decisão mais segura, dado meia-volta e corrido de volta para casa, mas era meu aniversário, meu dia especial, e eu não estava disposta a fugir e deixar um *duppy* arruinar minha noite. Então, em vez de correr, eu devolvi o "olá" e passei pela plantação de milho, atravessando o solo duro e seco do terreno do sr. McLaren. O menino estava no terceiro galho — o mesmo em que eu pretendia me sentar —, como se estivesse montado em uma sela, as pernas balançando para a frente e para trás, para a frente e para trás nas sombras.

Estava na minha árvore, e eu me senti meio perdida, como se não soubesse o que fazer.

— O que está fazendo aqui a essa hora da noite? — perguntou ele.

Estiquei o pescoço, dando uma espiadinha, mas não consegui ver seu rosto. Dei de ombros, tentando parecer tranquila.

— Gosto de subir na minha árvore quando não consigo dormir.

— É mesmo? — perguntou ele, surpreso, mas não parecia estar esperando alguma resposta, então eu não disse nada. — Mas esta árvore, agora, não é sua, é?

— Sua é que não é.

O galho rangeu, como se o menino tivesse se inclinado para me ver, e eu me remexi um pouco, iluminada pelo luar.

— É minha, sim — respondeu ele. — Meu nome é John. Esta fazenda é do meu tio, portanto a árvore é minha. Posso subir nela sempre que quiser.

Tenho certeza de que ele continuou falando, mas meu cérebro parou de funcionar ao ouvir "meu nome é John".

Meu rosto deve ter deixado transparecer que eu estava muito estupefata, porque a voz dele abrandou ao dizer:

— Sabe, não tem muitas crianças morando aqui, no meio do nada, e menos ainda que subam em árvores a essa hora da noite.

Então ele me convidou a subir e me sentar a seu lado, e, quando dei por mim, estava agarrada à corda que eu mesma havia amarrado e subindo o tronco quente e áspero da árvore, mão ante mão, as pernas fazendo força para cima até conseguir me sentar no galho abaixo do dele. Estiquei o pescoço na direção da sombra fresca da noite, mas os traços de John continuavam no escuro.

Eu, no entanto, estava sentada sob um raio de luar, e ele tinha plena visão de meu rosto.

— Ei — chamou ele —, afinal de contas, o que você é? — Havia curiosidade, não maldade, em suas palavras. — Você não é daqui.

Senti alguma *coisinha* dentro de mim se contrair, como sempre acontecia toda vez que me faziam aquela pergunta, mas eu já estava acostumada. Bem, quase.

— Sou metade jamaicana, um quarto branca e um quarto mexicana — respondi.

— Uau! — exclamou John. — Não sabia que dava para ser assim.

— E *sou* daqui, sim — afirmei, alto o suficiente para me fazer ouvir em meio à guizalhada dos grilos. — Nasci na casa no fim da estrada.

— Não tive a intenção de insultar você nem nada — disse ele. — É só que nunca conheci alguém assim.

Enrolei no dedo uma mecha grossa de cabelo crespo e depois a soltei. Sabia que era melhor acabar com aquele assunto e passar para conversas mais interessantes.

— Bom, agora já conheceu — falei. — E eu me chamo Joia.

Ele fez que sim, quase como se já soubesse, e repetiu:

— Joia. — Sua voz se demorou ao pronunciar. — Gosto desse nome.

— Eu não.

— É um nome notável. Todos vão saber que acabaram de conhecer uma pessoa preciosa. Mas "John"? Não mesmo. É tão comum que vale menos que um tostão furado.

— Nada disso. — Minhas palavras saíram rápido demais, ásperas demais, muito carregadas com a dor que esqueci de esconder.

John se conteve na escuridão do terceiro galho.

— Tudo bem, talvez valha um tostão furado e *meio* então — admitiu com cautela. — Mas ainda acho Joia um nome legal.

Ficamos sentados sob a lua crescente, naquela árvore no meio do campo.

— Sabe, estrelas são como joias — disse John, de repente. — Mas elas não brilham como as pessoas pensam. Aos nossos olhos as estrelas parecem piscar porque as ondas de luz refratam nas camadas da atmosfera.

Ele pareceu um professor falando. Um dos bons. Deve ter sido por isso que resolvi fazer uma pergunta, o que nunca fazia na escola:

— Refratam?

— A luz muda de direção — explicou ele —, em vários ângulos diferentes, de acordo com as camadas da atmosfera, e essa luz refratada muda a forma como enxergamos a posição e o tamanho de uma estrela. — A voz dele flutuava acima de mim. — A única maneira de ver as estrelas como elas realmente são é saindo da atmosfera. Para o espaço.

Não havia brisa naquela noite, só uma leve umidade no ar que nos envolvia, como se toda a terra estivesse prestando atenção em nossa conversa.

— Nunca pensei nas estrelas dessa forma.

John riu, uma risada gostosa e curta, e continuou:

— Espere só até a passagem das Perseidas.

— Quem?

— As Perseidas. Uma chuva de meteoros imensa que acontece em agosto.

Eu nunca vira as Perseidas, sequer ouvira falar delas, e disse isso a ele.

— Tudo bem — respondeu. — A maioria das pessoas não vê o que está bem à sua frente porque não sabe o que procurar. E quando passam a saber, ficam se perguntando como *não* viram aquilo antes. Espere só: quando você vir as Perseidas pela primeira vez, vai passar a vê-las todos os anos. Pode ter certeza.

— Como você sabe tanto sobre as estrelas? — disparei, e ouvi o sorriso na voz dele quando respondeu:

— Vou ser astronauta quando crescer.

John era muito diferente das outras crianças de Caledonia. A maioria queria ser mecânico, enfermeiro ou cuidar dos negócios da família. Quase contei a ele que eu queria ser geóloga quando crescesse, mas acabei não contando. Em vez disso, fiquei quieta. Se você entrega muito de si a alguém, rápido demais, essa pessoa pode simplesmente ir embora e levar tudo. E quando se trata de alguém como eu, que já não tenho muito de mim, bem, é preciso ter cuidado redobrado.

Não sei quanto tempo ficamos ali, mas dessa vez foi diferente ficar sentada naquela árvore. Talvez eu estivesse ficando velha demais. Ou talvez só fosse estranho estar ali com outra pessoa.

Passado um tempo eu desci, e ele me acompanhou. Então eu o enxerguei nitidamente pela primeira vez, ao luar, e entendi por que não vira seus traços antes: sua pele era escura, escura como o céu noturno.

— Você é sobrinho do McLaren? — disparei.

Minha língua foi mais rápida que minha educação. O sr. McLaren era tão branco quanto uma pessoa pode ser. John sorriu, e seus dentes brilharam como uma fileira de pequenas luas.

— Sou, sim. Sou adotado. Fui criado por brancos. Não é tão ruim quanto parece.

Não sei se ele estava falando sobre ser adotado ou ser criado por brancos, mas concordei como se tivesse entendido. Ele estendeu a mão, e eu estiquei a minha, apertando a dele, como a adulta que eu quase era. Fiquei surpresa com a firmeza de seu aperto, como se fôssemos conquistar o mundo.

Foi o melhor de todos os apertos de mão.

No entanto, com ou sem aperto de mão, fiquei pensativa durante o caminho de volta para casa, ouvindo o barulho dos meus pés no cascalho, intrigada por ter conhecido alguém chamado John logo naquela noite. Como diz papai, não existem coincidências na vida — o que não passa de um jeito elegante de dizer que, por mais misterioso, insano ou impossível que seja, o que tiver que ser, será. E acho que ele está certo.